

TRF. CFE. 11. 012 (D)

Moacir Gadotti  
*Universidade de São Paulo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gadotti, Moacir. 1941-  
Pedagogia da práxis / Moacir Gadotti ; prefácio de Paulo Freire. São Paulo : Cortez ; Instituto Paulo Freire, 1995.

Bibliografia.  
ISBN 85-249-0595-6 (Cortez)

1. Educação - Filosofia. 2. Pedagogia. 3. Prática de ensino. I. Freire, Paulo, 1921- II. Título.

95-3635 CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Pedagogia da práxis 370.1
- 2. Práxis : Filosofia da educação 370.1

# Pedagogia da Práxis

*Prefácio de*  
**PAULO FREIRE**



## Prefácio

Paulo Freire

Conheci Moacir Gadotti nos anos 70, em Genebra. Eu, no exílio, correndo mundo, enquanto consultor especial do World Council of Churches e ele fazendo seu doutoramento na Universidade de Genebra. Nos encontrávamos semanalmente em meu escritório, entregando-nos a uma conversa aberta, a um diálogo crítico em torno de alguns dos temas que ele trata, lucidamente, neste, que é o melhor de seus livros.

Na verdade, *Pedagogia da Práxis* não é um livro de quem se esconde ou esconde mas de quem arriscadamente desoculta e, ao fazê-lo, explica as razões por que se opacizam acontecimentos e verdades. Mais ainda, é um livro em que o filósofo inquieto convive com o historiador arguto e atento. Nenhuma dicotomia entre o pensador que reflete profundamente e o historiador que localiza tempo-especialmente o objeto da reflexão. Historiador e filósofo trabalham juntos sem se fazerem concessões fáceis de que resultaria a negação de um ou de outro. Pelo contrário, dialogar para poder iluminar com precisão o objeto que os incita e que a eles, historiador e filósofo, se entrega para ser desvelado.

O discurso, por outro lado, e a linguagem ao mesmo tempo desveladora e não arrogante com que Gadotti o constrói, para mim o situa como um pensador progressivamente pós-moderno. Um pensador que, para ter verdades, sabe que é preciso delas não estar demasiado certo. Mas há certeza a não ser na incerteza do que parece absolutamente certo.

Da mesma forma como Gadotti, com acerto, não nega o pensador nem o historiador que atuam nele, é fundamental

que seu leitor se experimente, ao estudá-lo, assim também. Que aceite o seu convite para, pensando o objeto, situá-lo e datá-lo. Não é possível situar ou datar um objeto sem compreendê-lo na sua razão de ser.

A *Pedagogia da práxis*, como qualquer livro, não pode ser lido, estudado, com preconceitos, mas com o gosto da curiosidade e não apenas da curiosidade espontânea e não metódica de quem se sente atraído por uma cor mais forte, por uma forma mais marcante, mas por uma curiosidade epistemológica – a que nos move à procura da *raison d'être* do objeto.

Uma das notas positivas que caracterizam este livro é que, sendo um texto ousado, “possuidor de vontade”, dono de uma certa cara, afirmado numa certa posição, não transpira, porém, arrogância. Não sugere, sequer, que a sua é a única cara, que fora da sua verdade não há solução. Mais uma vez a sua pós-modernidade. O que o texto deixa nas entrelinhas é a esperança de seu autor em que seus leitores e leitoras se assumam como produtores da compreensão de seu texto, em lugar de simplesmente a procurarem como algo que ele tivesse deixado para ser descoberto por elas e por eles.

Finalmente, uma palavra a mais e agora sobre a minha maneira de escrever prefácios, que não é a melhor nem a pior, mas a minha.

Como fazedor deste ou daquele prefácio sinto a minha tarefa como a de quem, simplesmente, convida os prováveis leitores a assumir sua intimidade com o livro. A se comprometerem com a “re-escrita” do livro. E como respeito leitoras e leitores e a mim também, jamais os convidaria a se entregar a um livro que me parecesse um desencanto, a não ser que expressando o meu sentimento. E como isto não teria sentido, prefiro, nestes casos, recusar a tarefa.

A *Pedagogia da práxis*, pelo contrário, me encantou.

São Paulo, agosto de 1993

## Introdução

### Por que pedagogia da práxis ?

Tudo começou com a *pedagogia do diálogo*. O diálogo é tão antigo quanto a educação. Porém, ele começa a ter maior importância, como idéia central da pedagogia, a partir do movimento da escola nova. Os teóricos da escola nova consolidaram suas posições antiautoritárias, opondo-se à escola tradicional sustentada por uma concepção da educação centrada na autoridade do professor. Os chamados escolanovistas buscavam construir relações democráticas numa escola livre, criadora, espontânea, sem medo da liberdade.

1. Muito contribuíram para a difusão das *teorias dialógicas*, o desenvolvimento da escola pública e as ciências da educação, notadamente a psicologia e a sociologia, que trouxeram uma nova compreensão da criança e da relação entre educação e sociedade.

De um lado, a *psicologia educacional* veio mostrar que a criança, ao contrário do que pensavam os antigos, é um ser completo, com exigências próprias diferentes das dos adultos. A criança não é uma miniatura do adulto. Por outro lado, a *sociologia da educação* trouxe a idéia da formação do homem para o exercício da democracia, colocando em questão a velha teoria de que a educação limita-se à influência da geração mais velha sobre a mais jovem.

Não se pode falar hoje do diálogo na educação sem mencionar a *filosofia educacional* do movimento da escola nova.

De início tinha-se uma compreensão ainda muito idealista do diálogo e da própria educação, da igualdade de oportunidades educacionais e da promoção humana via edu-